



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 — ESPINHO
Telefones: 920118 (p.) e 920187 (Residência de Director)

DIRECTOR EDITOR E PROPRIETÁRIO

BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador: M. BRAGA DIAS
Comp. e Imp. na Tipografia Espinhense - Rua 14 - Tel. 92 11 00

A Comissão de Turismo ESPINHO

SÁBADO
3
Janeiro - 1970
N.º 1970
Ano XVIII Séc. III
(AVENÇADO)
Fundado pelo C. de Cultura

IN MEMÓRIA

por MARTINS GOMES

Baixou à terra de uma sepultura, há poucos dias apenas, o escritor José Régio, para dormir tranquilo sono derradeiro, na Terra que lhe embalou os primeiros passos, que é a brasonada Vila de Conde.

Com o desaparecimento do notável prosador poeta, ficaram mais pobres as Letras Portuguesas. Está deuto a nossa Literatura. Finou-se para sempre um dos seus mais ilustres mensageiros, ficando como símbolo, a sua obra bela, magnífica e fecunda, a atesta a existência espiritual de uma inteligência superior, moldada na mentalidade forte e persuasiva de um dos mais extraordinários escritores do nosso tempo.

Quem o conhecesse em pessoa, como o nosso caso, não seria capaz de dizer que naquele corpo pequeno e frágil, estava uma capacidade intelectual de tão elevadas dimensões!

Quem visse a sua figura de homem simples, sem vaidade nem coisas atávicas de dar nas vistas, a caminhar no seu passo cadenciado pelas ruas adiante, não era capaz de lobrigar a presença do gigante das letras.

Quando estava sozinho, sentado à mesa do café, a ler o jornal, ou em profunda meditação, a olhar para as figuras que passavam defronte, quem sabe, se estaria a criar ou a ver nes-

sas mesmas figuras os personagens das suas obras?

Um homem de pensamento como era o dr. José Maria dos Reis Pereira, nunca está só, porque no subconsciente da sua espiritualidade algo de mais importante se encontra com ele, a conciliar ideias, a burilar frases, a travar diálogos, no acerto de uma obra que, antes de ser escrita no papel, foi-o, todavia, no cérebro do seu autor.

Vimo-lo muitas vezes nesses momentos, talvez muito grandes, em extase, possivelmente, da sua vida quotidiana. E, confessamos sinceramente que não tínhamos coragem para o interromper, estorvando-lhe a arquitectura das ideias com que se achava absorvido, para construir mais uma das suas belas obras, partículas activas da literatura contemporânea.

Em prosa ou em verso, em romances ou em pequenas histórias novelísticas, como poesias dolentes ou entusiásticas, tristes ou alegres, a denunciarem imagens da vida real, como acontece no vasto campo literário de José Régio, legado à posteridade para análise serena e concludente, através dos tempos e das gerações actuais e vindouras.

Vila do Conde, pedaço de Terra Portuguesa que o viu nascer, que foi seu berço, estremeceu e exaltou aquele que era seu filho dilecto; sentiu e chorou amargurada, a perda irreparável do poeta que nela passava uma grande parte do seu tempo, num amor sacrosanto de filial devoção, que é próprio dos grandes génios, dos criadores do belo.

Vila do Conde ficou mais pobre, porque perdeu um valor fulgurante e activo do seu valioso património humano.

Ficou mais rica, todavia, porque o legado impar da sua obra, é uma fonte inesgotável de preciosa ninfa, que já mais deixará de dessedentar os amantes das Letras Pátrias em qualquer latitude onde se encontrem.

Preciosíssima herança espiritual fica arquivada nos escapatares dos vilacondenses que amam a sua terra, como em todos aqueles outros portugueses que dedicam grande parte da sua existência ao estudo da língua-mãe, vivendo e amando com todas as fibras da alma, os grandes pioneiros da nossa Cultura, no meio dos quais e em destacado lugar de relevo se encontra o grande José Régio! Esse gigante de corpo franzino e baixo, vinculado por mérito indiscutível à história da Literatura Portuguesa!

A OUTRA GRANDE BATALHA

por Alf. Mil. J. Couto-Rodrigues

Quem anda por terras do nosso Ultramar, contribuindo para a defesa da integridade nacional, tem muito a dizer. Fiz até, algures, um esquema para uma série de artigos sobre a situação, esforço, acção em toda a linha que as Forças Armadas vêm desenvolvendo em Moçambique, Província onde me encontro e sobre o seu estado de desenvolvimento. Contudo, motivos de força maior impediram-me de concretizar em pleno esse meu intento. Durante o ano que vai principiar, espero atingir esse meu desejo. Acções do género julgo-as indispensáveis, urgentes e inadiáveis, visto a informação sobre o nosso Ultramar ser deficiente qualitativa e quantitativamente.

Hoje, lembrando-me da quadra festiva que vimos atravessando, vou recordar os milhares de camaradas meus que «lá», nesse Norte imenso de Moçambique, longe dos pais, irmãos, familiares, noivas, amigos, em acções constantes defendem e fomentam a promoção humana.

Lembrar (julgo que anda esquecido...) que lá há milhares de jovens, que além de militares são homens. Homens independentemente dos seus galões ou da ausência deles. Homens que têm anseios, desejos, que fazem sacrifícios e acções extraordinárias. Homens de carne e sangue com a mesma vontade de chorar ou rir como qualquer de vós. Homens que têm mulher, filhos, pai, mãe, noiva, familiares, amigos. Homens que à complexidade humana aliam a qualidade de guerreiros. Homens conscientes da sua fé, do

seu determinismo, da luta que enfrentam. Homens que defendem, sofrem e morrem pela sua (NOSSA) Pátria Homens que pela sua acção, generosidade, adesão, vêm dando um testemunho, uma certeza, indicando um caminho. E estas certezas não podem ser ignoradas por vós, rectaguarda. Tendes de estar conscientes, cônscios, solidários na acção transcendente que vimos fazendo e das responsabilidades em contributo que também vos cabem.

E' tempo, de uma vez para sempre, de termos os olhos bem abertos para o que dentro de casa se passa e para o papel que a cada um de nós, militar ou civil, cabe. Chega de apenas só a fronteira do nosso pequenino mundo. Importa uma tomada de consciência. Despertar para a realidade dos que lutam e para o esforço comum que a todos (sem excepção) cabe. As obrigações são comuns. Não pode haver os que combatem e os que não combatem; todos temos de ser combatentes! Terá de existir uma rectaguarda capaz de consciência, de apoio moral e colaboração. A luta, a guerra, não pode ser só factor determinante da acção governativa, mas terá de ser consciência e desejo de todos.

E esta a outra grande vitória que urge atingir, como consolidação daquela que realistica-mente se está a obter.

Importa não esquecer que a vitória das armas só tem significado, validade e importância se for a rectaguarda a apoiá-la e a exigí-la.

Espinho, 23/DEZ/69

MOMENTO O «Falsário» do Raul

Protesto. Eu e, de certeza largos milhares de concidadãos. Não há direito. Tivemos que assistir, impávidos e serenos, ao «crime» que Raul e os seus acólitos cometeram. Para mais um «crime» de infanticídio.

Foi um «falsário» este Raul. Mai-lhos seus comparsas. De repente, no deserto tmeso, que é o panorama da nossa televisão, onde os oásis aparecem de muito longe, eis que surge algo de novo. De diferente. De positivo.

Era o Zip. Tudo podia acontecer naquele programa. Disseram-nos isto da primeira vez. E o portuguêsinho, já calhado com os «barretes» televisivos, ficou na expectativa. Hum! Mais outro? Desconfiava-se!

Porém, o Zip contrariou tudo e todos. Até a crítica mais renitente aplaudiu. Tudo podia acontecer e estava a acontecer para o lado positivo. Era um programa válido. Aberto. Franco. Cheio de conteúdo humano. Repleto de quotidiano. Mostrava os portugueses a Portugal. Como que nos dizia... conheçam os portugueses desconhecidos. Descobria valores ignorados. Valorizava pessoas. Ensinava como se pode dialogar sobre todo e qualquer problema. Crítica de forma construtiva, como se deve entender a crítica.

Depois, também nos trouxe figuras nacionais e estrangeiras conhecidas. Cá e no mundo. Conhecidos que nós desconhecíamos pessoalmente. Valores dos mais variados sectores.

E o Zé passou a crer que se pode fazer coisas muito boas em televisão. E o Zé, que por razões económicas bem claras, tem de se divertir muito com aquele «cinema» caseiro, até aprecia a televisão. E ei-lo encantado com o «miúdo» Zip, de tal sorte que às segundas, os jovens dos sete aos setenta, se aferravam junto aos pequenos «ecrãs». Tudo o resto, naquele dia, era conversa. Os olhos, os senti-

dos, eram todos para o Zip. O portuguêsinho tinha um serão de bom nível e a seu gosto.

O Zip foi excelente ou óptimo. Muito bom. Bom. Satisfatório. Tudo isso na maioria das vezes. Nas outras sofrível. Mau também? E' possível. E natural até. Contudo, atingiu um nível geral muitíssimos furos acima da craveira do pouco de bom que se tem feito em televisão. De longe. Sem confrontos possíveis.

Trabalho bem engendrado e coordenado de uma equipa que, em boa e feliz hora, magicou e nos deu aquele programa. Sem a colaboração de todos os componentes não atingiria o ponto alto a que se alcançadorou.

Sejamos justos, porém. Sem dúvida que, para além de tudo isso, ainda teve a felicidade de contar com um astro enorme. A vedeta «hors-série» que iria emprestar ao programa o brilho inusitado. Foi aquele dez réis de gente, fisicamente falando, que alberga em si um talento tamanho, e extraordinário, de artista. De artista completo. De artista por vocação. Mas, sobretudo, na sua prodigalidade de fazer humor. Um humor que nos encanta. Um humor que, além de tudo, ressuma humanidade, reflexo do próprio carácter de quem o pratica.

Solnado contribuiu para tornar, às segundas, Portugal mais alegre. E não pintou. Esculpiu arte e moldou humorismo. E nós, esqueçiamo-nos das vicissitudes do quotidiano, duma vida cada vez mais atribulada. E o Zip, no seu todo dava-nos uma dimensão nova. E Solnado oferecia-nos manifestações de salutar e sã alegria, capaz de curar qualquer maleita fígadal e de nos injectar uma dose de melhor disposição para aguentarmos melhor o ramerame diário. Tudo, porém, com o toque bem precioso de calor humano, cada vez mais fugidio deste mundo doente.

O Zip foi vivendo, obrigando o

portuguêsinho a recebê-lo como a um ente muito querido que o visitava às segundas.

Quando 1969 estava prestes a dar a alma ao criador, e se sentia já o nascimento do seu descendente 1970, que infelizmente deve trazer as «doenças» hereditárias de que seu «paizinho» sofria, sem quase nenhuma hipótese de cura, eis senão que...

...Solnado, o «falsário», mais os seus compinchas, resolvem cometer o terrível «crime» de infanticídio naquela «criancinha» Zip que nos encantava, de tal maneira que, ainda, estava muito longe de se tornar embirrenta.

O Zip ainda tinha muito para oferecer antes que entrasse na órbita da saturação. Era afinal um bebé.

O «falsário» Solnado, mais os «falsários» seus sócios, souberam-nos adogar a boca com um manjar diferente e quando ainda o saboreávamos, zás, tiram-no sem mais aquelas. Malandrice!

A televisão volta à vulgaridade. Nós, em 1970, o primeiro ano duma década que pode ser terrível para o mundo, não teremos, não temos, aquelas duas horas e meia semanais bem passadas, capazes de nos ajudar a fugir, por um naco de tempo, dos problemas complicados dos nossos dias.

O Zip findou cedo de mais. Quando bem precisas são muitas horas Zip nos nossos dias.

Foi pena. Eu por mim, deste cantinho, agradeço a esse grande artista, que é Raul Solnado, e à sua equipa, os belos momentos que me ofereceu. Oxalá que outra ideia, do mesmo valor, lhes surja, sem demorar muito tempo.

Daqui deste modesto cantinho, atrevo-me, também, a aproveitar a ocasião para lhe dirigir um pedido. Se lhe chegar.

Nós portugueses, só temos teatro em Lisboa e no Porto. As «tournées» pela província são escassas, sem continuidade, com preços proibitivos, sem as melhores peças.

Como gostaríamos de algo que não está nos nossos hábitos ver? Por aquele que, semanalmente, nos oferece a televisão? Será suficiente e capaz de nos moldar o gosto pela arte de Talma?

Continua na 2.ª página

Bombeiros Vol. de Espinho

O Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios na sua anual distribuição de subsídios às Associações de Bombeiros de todo o país atribuiu aos Voluntários de Espinho, antiga e prestimosa colectividade local uma avultada verba para a aquisição de um Pronto-Socorro de Nevoeiro, unidade que muito vai valorizar o apetrechamento da citada Corporação e, consequentemente, a eficiência global dos bombeiros locais, o que é motivo de satisfação geral. A nova e poderosa viatura cujo custo atinge, devidamente equipada, a importante verba de seiscentos mil escudos, deve ser inaugurada em Outubro do próximo ano, a quando da comemoração dos setenta e cinco anos de existência da Associação, ou seja nas suas Bodas de Diamante.

Aos nossos prezados assinantes

E' com desgosto que comunicamos aos nossos prezados assinantes que em virtude do sensível aumento das despesas deste periódico, somos forçados a aumentar também, o preço da assinatura que, para o País e Ultramar (via marítima) passa a ser de 70\$00 escudos anuais.

Distribuição de brinquedos às crianças filhos dos guardas da Policia de Espinho

No Sábado, dia 20 do mês findo, estando presentes Os Ex.mos Srs. Capitão Amílcar Ferreira, M. D. Comandante da Polícia de Segurança Pública do Distrito; Tenente Manuel Lopes de Carvalho, comandante da P.S.P. local, e Ex.mos Esposas; o Chefe da Esquadra, sr. Alfredo de Oliveira, os sub-chefes e alguns guarda, os Vereadores municipais, srs. Domingos de Oliveira e Domingos Soares Pereira, e o inspector da Cidla, em S. João da Madeira, fantasiado de Pai Natal, que as crianças muito apreciaram.

As crianças dos Guardas foram contempladas com brinquedos vários que receberam com muita alegria, compartilhada pelos seus pais. Foi com prazer que assistimos a este acto.

Originals atrasados

Os feriados, aliás justos, que o calendário incluiu nas duas últimas semanas privaram a tipografia de incluir diversos originals, alguns que aguardam vez de publicação há bastante tempo.

Que tenham paciência os respectivos autores por terem de esperar mais algum tempo pelos seus apreciáveis artigos.

ELECTROGÁS ESTRELA DE ESPINHO, LDA.

GRANDE CAMPANHA DE NATAL

GAZCIDLA

Durante esta campanha de Natal oferecemos 1 BOTIJA DE GAZCIDLA de 13 Kgs.
a todos os novos consumidores
a maior gama de artigos electrodomésticos a preços revolucionários!

TELEVISORES

TELEFUNKEN - ZANUSSI - RADIONETE - PHILCO - NAONIS
Melhor imagem - Melhor som - Qualidade e Técnica Excepcionais

FRIGORÍFICOS

A. E. G. - ZANUSSI - WESTPOITE - NAONIS
Altas Qualidades famosas no Mundo inteiro!

F O G Õ E S

ZANUSSI - NAONIS - JOTOCAR - JUNEX - PROGRESSO
Grande Variedade de Modelos e marcas a Preços Sensacionais!

CALORÍFEROS

OTSEIN - BUTA - THERM'X - PRESTOVATE
Seguros - Confortáveis - Económicos *os mais modernos e perfeitos sistemas de Aquecimento!*

ESQUENTADORES

VAILLANT E ELM
os mais modernos e seguros!

M. LAVAR

A. E. G. - ZOPPAS - ZANUSSI - NAONIS
o seu sonho de ontem, e o seu orgulho de amanhã

Rádios, Gravadores e Gira-discos * Telefunken - Radionete - Philco - Siera - Schaub - Lorenz

As marcas preferidas pelas pessoas mais exigentes

Grande Sortido de Discos ★ Colchões Epeda e Delta-Loc.

MAIS ARTIGOS

MUITAS MARCAS

EXCELENTE QUALIDADES

ATENÇÃO:

Durante esta campanha na compra do valor de 100\$00 oferecemos uma Senha Brinde que o habilitará a cinco valiosos prémios!

1.º Prémio - Um Televisor TELEFUNKEN, 2.º Prémio - Um Frigorífico ZANUSSI, 3.º Prémio - Um Fogão JOTOCAR, 4.º Prémio - Um Fogareiro RILI, 5.º Prémio - Um Fogareiro SIUL

A sortear em 31-1-970 no nosso estabelecimento
(NA PRESENÇA DA AUTORIDADE)

Não compre sem consultar a

Electrogás Estrela de Espinho L.da

Rua 23 n.º 252 - Tel. 920806
E S P I N H O